

FEMINISMO, EUGENIA E MATERNALISMO NOS DISCURSOS DE DUAS FEMINISTAS SUFRAGISTAS URUGUAIA E BRASILEIRA.

Maria Laura Osta Vázquez*

RESUMO: O presente artigo analisa os entrecruzamentos entre o feminismo, a eugenia e a maternidade nos discursos das duas sufragistas mais importantes no Uruguai e no Brasil (Paulina Luisi e Bertha Lutz) a partir de uma perspectiva de história cruzada e de gênero. Ainda hoje nos discursos dos parlamentares, há algumas constantes nas concepções sobre as mulheres e suas limitações nos espaços de ação política. O objetivo deste artigo é rastrear algumas dessas ideias nos discursos de Paulina e Bertha para perceber como foram instituídas já no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: maternalismo; eugenia; feminismo.

ABSTRACT: The following article deals with an analysis of crossovers in some subjects such as feminism, motherhood and eugenics in the discourse of the two most important suffragists in Uruguay and Brazil (Paulina Luisi and Bertha Lutz) from a perspective of history and cross-gender. Still exists today in the speeches of MPs, some constants in the views on women and their limitations in the areas of action. Tracing some of these ideas in the speeches of Pauline and Bertha, noting as well that were instituted early in the twentieth century.

KEYWORDS: maternalism; eugenics; feminism.

“... observo que hay muchísimas mujeres que no votan a mujeres. Quizás esa supuesta discriminación del género masculino tenga muchísima más fuerza en las propias mujeres... pero de pronto por esa famosa cuota llenamos esos cargos con personas que no son aptas para desempeñarlos, que no tienen vocación o que carecen de voluntad. Si hay una actividad que es verdaderamente fruto de la vocación, por ser dura, sacrificada y por tener horarios que muchas veces están absolutamente fuera de los acostumbrados -si tenemos en cuenta, por ejemplo, **el rol de toda mujer como madre**- esa actividad es, precisamente, la política... A su vez, a esto se agrega el hecho de que en esta actividad muchas veces se llega al agravio en la lucha... me pregunto si no estaremos poniendo un cerco a la voluntad o a la libertad del elector, y en lugar de ir eliminando la discriminación, terminar simplemente, en algunas oportunidades -no en todas- rellenando cargos porque la ley así lo manda”¹ (grifo nosso).

A partir desta fala, proferida em 2008 por um senador uruguaio, representante do partido Nacional, em momento de discussões sobre a lei de cotas no Uruguai, perce-

* Graduada em Humanidades pela Universidade de Montevideo. Mestra em História pelo Conselho Superior de Investigações Científicas (Madrid). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lauraosta@hotmail.com.

¹ Depoimento do Senador Moreira (Partido Nacional) na discussão da lei de cotas 28/05/2008. Disponível em <<http://www.parlamento.gub.uy/distribuidos/AccessoDistribuidos.asp?Url=/distribuidos/contenido/senado/s20071675.htm>>. Acesso em 29 de setembro de 2010.

bem-se muitas continuidades e elementos arraigados nas mentalidades das sociedades uruguaia e brasileira; elementos que não são novos e que já se pronunciavam desde o século passado. As afirmações de que o papel de toda mulher é ser mãe e de que a política, por sua dureza e agressividade, é tarefa para os homens, são bons exemplos. Assim naturaliza-se uma divisão de tarefas segundo interesses daqueles que dominam as ferramentas do poder.

No Brasil, no ano de 1998, o Senador da República Joel de Holanda expressava:

Se queremos construir uma sociedade democrática e justa precisamos fortalecer-lhe o elo fraco. A mulher pobre, ignorante, doente e sujeita a variados tipos de violência, é, sem dúvida o calcanhar-de-aquiles deste país, heterogêneo e injusto.²

O Senador Joel de Holanda, no intuito de argumentar em favor da defesa da cidadania das mulheres, colocou-as em um lugar de “calcanhar-de-aquiles”, como o ponto fraco da sociedade. Uma postura similar foi proposta pelo batllismo no início do século XX no Uruguai. O chamado “feminismo por compensação”³ partia da ideia de que as mulheres eram um grupo diferenciado em termos legais e biológicos em relação aos homens. Essas diferenças acarretavam desvantagens para as mulheres e, por isso, o Estado deveria nivelá-las através das leis. O Senador Holanda as reivindica a partir das diferenças e desvantagens que elas têm na sociedade atual, confiando em que as leis feitas pelos homens as equiparariam. Analisando a partir de uma perspectiva de gênero, podemos perceber que este senador utiliza uma estratégia paradoxal⁴, a mesma utilizada pelos deputados e senadores quando defenderam a lei de cotas. Reivindicaram a igualdade a partir da diferença ou “discriminação positiva”, como também falavam.

Veremos a seguir que estas estratégias e concepções utilizadas pelos deputados e senadores não são novas, mas é possível historicizar⁵ essas práticas, encontrando-as nos discursos das feministas Paulina Luisi e Bertha Lutz no início do século XX.

Valendo-nos dos discursos das duas principais lutadoras pelos direitos políticos das mulheres no Brasil e Uruguai, nos centraremos nas temáticas do feminismo, do maternalismo e da eugenia.

² Anais do Senado. Março 1998. Livro vol. 7. Em: www.senado.gov.br/publicações/anais. Pág. 147.

³ Alguns Históricadores como José Pedro Barrán, Alba Cassina, Silvia Rodríguez Villamil e Graciela Sapriza reconhecem a influência do “feminismo por compensación” de Carlos Vaz Ferreira na legislação batllista sobre a temática das mulheres. Essa ideia expressava que não é necessário igualar as mulheres aos homens, mas compensá-las através de leis, uma vez que elas estavam em uma situação de desvantagem. Dessa maneira foi aprovada a “ley de la silla” em 1918: se estabeleceu que nos lugares de trabalho se colocassem um número suficiente de cadeiras para as mulheres que trabalhassem, porque as mulheres – e não os homens - tinham direito a se sentar para descansar durante sua jornada de trabalho. Também se implementou a licença por maternidade de dois meses com seus salários íntegros, em 1911, e aprovou-se o divórcio pela iniciativa das mulheres, em 1913. NAHUM, Benjamín, *História uruguaya*. Tomo 8. Época Batllista, 1905-192, Buenos Aires, 1998, p.53 BARRAN, José P.; NAHUM, Benjamín, *El Uruguay del novecientos*, Montevideo, 1990, p. 91.

⁴ Sobre os paradoxos na história das mulheres e de seus direitos ver: SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*. Mulheres. Florianópolis, 2002.

⁵ No sentido trabalhado por KOSELECK, Reinhard. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

Através da metodologia da “história cruzada”⁶ analisaremos duas realidades distintas durante o mesmo período (1891-1932): Uruguai e Brasil. A história cruzada é uma comparação em vários fluxos, nexos e cruzamentos intelectuais e práticos, que incorpora ao estudo visões e ângulos novos em relação com as distintas disciplinas (a linguística, hermenêutica, sociologia, geografia, ciências políticas, economia, entre outras), historicizando diversas categorias de análise, relações e objetos. O princípio da história cruzada é que em todo cruzamento há um ponto de intersecção. Isto não permite pensar sobre entidades individuais: o próprio objeto é esse ponto de intersecção. Rompe-se com a perspectiva unidimensional, passando a uma análise multidimensional. Os objetos não se estudam apenas em relação uns aos outros, mas através dos outros. Cruzar também é entrecruzar: ver inércias, resistências, modificações. Ao se cruzar, os objetos não ficam iguais: pode haver reciprocidade no cruzamento, ou até assimetrias.

Utilizando esta linha de trabalho, analisaremos conjuntamente os discursos de Bertha Lutz e Paulina Luisi a partir de uma visão de gênero – utilizado metodologicamente como óculos -, a fim de viabilizar novas interpretações e relações dentro da sociedade de inícios do século XX. Entrecruzando as trajetórias e as temáticas enunciadas, olhando sob as relações de gênero e poder, e sem deixar de perceber os cenários onde esses discursos foram criados, analisaremos temáticas como o feminismo, a eugenia e o maternalismo.

As fontes utilizadas neste trabalho abrangem desde discussões das câmaras, jornais (artigos, entrevistas e notas editoriais), revistas, discursos, conferências, cartas, literatura, encíclicas, poesias, obras de teatro, projetos de lei até folhetos de campanhas políticas.⁷

Tanto Paulina Luisi como Bertha Lutz foram graduadas - uma médica e outra bióloga - em diversas oportunidades sacrificaram seu trabalho pela luta a favor dos direitos políticos das mulheres. Ambas estudaram em Paris, eram filhas de imigrantes, mas cada uma aplicou táticas⁸ distintas para convencer a suas companheiras. Caminhos que às vezes se cruzaram e às vezes se distanciaram, mas foram trajetórias que deixaram marcas na história do feminismo latino-americano e mundial. A partir de uma visão de gênero, analisaremos suas atuações em um tempo em que ser cidadão era uma categoria universal masculina, impenetrável para as mulheres.

Filha de pai italiano, pedagogo, formado em direito e combatente pelo “*resorgimento*” italiano ao lado de Garibaldi. Filha de mãe polonesa, professora e poliglota. Paulina, com Emilio Frugoni e Celestino Mibelli, foi fundadora do Partido Socialista

⁶ No sentido de WERNER, Michael ; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité*. Editions de l'EHESS. Annales. Histoire, Sciences Sociales. 2003. Disponível em <http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=ANNA&ID_NUMPUBLIE=ANNA_581&ID_ARTICLE=ANNA_581_0007>. Acesso em outubro de 2010.

⁷ Estas fontes foram consultadas em diferentes acervos: no Brasil: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, as bibliotecas da Faculdade de Direito e do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Rio de Janeiro, Centro de Estudos e Pesquisa da Ordem dos Advogados do Brasil, Arquivo do Museu Nacional – no fundo de Bertha Lutz - e no Arquivo Nacional – nos fundos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. No Uruguai, em Montevideu, trabalhei com os fundos do Arquivo Nacional: na casa de Rivera, de Lavalleja, e com os fundos do Museu Romântico. Também trabalhei na Biblioteca Nacional e do Palacio Legislativo.

⁸ Entendemos táticas no sentido de Michel de Certeau: “engenhosidades do fraco para ganhar partido do forte, que vão desembocar numa politização das práticas cotidianas”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 45

do Uruguai em 1907. Em 1913 o governo *batllista*⁹ lhe enviou à Europa para estudar medidas de higiene social. Na volta exigiu solidariedade para com as prostitutas e fez grandes campanhas pela causa delas. Foi a primeira mulher encarregada de uma cátedra na Universidade, chefe da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina em 1909, no período de 1910-1930 foi professora de Higiene Social y Educación Profiláctica na Escuela Normal (de formação de professores). Lutou toda sua vida pelos direitos das mulheres, fossem eles civis, políticos, educativos ou de saúde. Quando teve a oportunidade de se candidatar como deputada do Partido Socialista, desistiu. Uma atitude um pouco contraditória vinda de uma mulher que dedicou toda sua vida a luta pelos direitos políticos.

Brasileira, Bertha Lutz foi filha da enfermeira inglesa Amy Marie Gertrude Fowler e de Adolpho Lutz, microbiologista suíço radicado no Brasil. Formada em biologia pela Universidade de Sorbonne e em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Bertha Lutz retornou ao Brasil em 1918 e ingressou por concurso público no departamento do Museu Nacional, primeiro como secretária e depois como bióloga, sendo a segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro. Bertha Lutz trabalhou toda sua vida a favor dos direitos políticos das mulheres e, diferentemente de Paulina, foi deputada no ano 1936. Durante seu mandato de deputada, defendeu mudanças na legislação referente ao trabalho da mulher e do menor, à isenção do serviço militar, à licença de 3 meses para a gestante e à redução da jornada de trabalho, então de 13 horas.

Ambas as feministas pertenceram ao que se chama de feminismo de primeira onda.¹⁰ Segundo a autora Asunción Lavrin, nesta época não existia um feminismo único, mas uma diversidade de respostas e orientações femininas diante dos problemas que atingiam as mulheres pertencentes a distintas camadas sociais.¹¹

Através dos discursos analisados, é possível detectar algumas táticas e estratégias, utilizadas tanto por Bertha como por Paulina, para realizarem seus objetivos. Segundo a autora Susan Besse, as feministas contribuíram para fortalecer e legitimar a nova ordem burguesa¹², buscando transformar as mulheres em “colaboradoras” dos homens, evitando assumir posições que fossem interpretadas como segregacionistas, mas que não alteravam os padrões da dominação sexual. A própria June Hahner afirma: “As líderes do movimento sufragista brasileiro desejavam reformar mais do que reestruturar radicalmente o sistema político social da nação”.¹³

⁹ O Batllismo é uma rama do partido Colorado, criado por José Batlle y Ordoñez, presidente do Uruguai. Quando falamos de governo batllista, estaremos nos referindo a os governos de José Batlle e Ordoñez: 1903 - 1907 e 1911 - 1915.

¹⁰ Considero o feminismo de “primeira onda” desenvolvido no final do século XVIII e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e de ser eleita -, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança.

¹¹ LAVRIN, Asunción. Mujeres, feminismo y cambio social, en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940. Centro de Investigaciones Diego Barros Aranda. Santiago de Chile, 2005. p. 18-19.

¹² BESSE, Susan Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914-1940. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1999, p. 220.

¹³ HAHNER, Juner E. Emancipação do sexo feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Mulheres. 2003, p. 311.

Podemos inserir os discursos de Bertha e Paulina, em dois grandes tópicos: a interpretação do Feminismo, e a concepção de maternalismo (principal argumento utilizado pelas duas para reivindicar o voto das mulheres).

O Feminismo por elas desenvolvido é um feminismo da diferença; a luta pelos direitos políticos está baseada em um conceito de “mulher”¹⁴ como um ser diferenciado, que possui visões e interesses distintos, próprios de seu sexo (como o interesse pela política social, pela moralidade dos costumes, a procura da paz, a proteção da infância, das prostitutas, entre outros). Porém este feminismo se caracteriza por uma marcada relação com o feminismo da igualdade, como demonstra Paulina:

Pretende el feminismo demostrar con hechos que la capacidad para los actos del espíritu no es una cuestión de sexo, sino de individuo. Que ser varón o mujer no es una facilidad o un obstáculo... Que es la mujer equivalente al hombre, como valor social, y no hay por eso mismo razón alguna que justifique la eterna minoría de edad en que la colocan las leyes... que se establezca una equitativa formula, que independiente del sexo, remunerere igual trabajo con igual salario... que en la apreciación de los valores sociales se prescinda del sexo para considerar solamente la persona.¹⁵

Este feminismo, que parte da diferença para chegar à igualdade, tem, no entanto, limitações. Paulina esclarece: *“No, la mujer no pretende sustituir al hombre, la mujer no quiere abandonar las alegrías de la maternidad... No, la mujer no quiere abandonar el hogar y los hijos... la mujer quiere tener una personalidad que la haga esposa reflexiva y madre consciente...”*¹⁶

O protótipo das mulheres do feminismo que Luisi defende é caracterizado como: “esposa reflexiva” e “mãe consciente”, qualificativos sempre relacionados aos outros, ou aos homens-maridos, ou aos filhos. No feminismo defendido por Paulina e por Bertha, havia um paradoxo fundamental: elas reivindicavam a igualdade de direitos a partir da diferença. Este paradoxo não é exclusivo destas duas feministas; Joan Scott percebeu que foi uma característica das lutas feministas de primeira onda. Sobre isso, a autora afirma: “Na medida em que o feminismo defendia as ‘mulheres’, acabava por alimentar a ‘diferença sexual’ que procuravam eliminar”.¹⁷

Nas expressões utilizadas por Paulina, pode-se perceber sua estratégia: inteligentemente vincula os lugares tradicionais que a sociedade outorga às mulheres, de mãe e esposa, às atitudes que as feministas esperam das mulheres: reflexão e consciência. Dessa forma, dissimuladamente é expresso o que os setores conservadores querem ouvir, mas também se consegue transmitir o que as feministas desejam para as mulheres. Podemos compreender a existência destas estratégias no discurso de Paulina a partir de dois aspectos. Primeiramente por sua própria vida pessoal: Paulina não se casou nem

¹⁴ Sobre o emprego dos termos “mulher” e “Mulheres” no feminismo, ver. PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Revista História vol. 24. Num. 1. São Paulo. 2005. p. 6-7.

¹⁵ Revista Acción Femenina, Num. 1, julho de 1917. p. 49.

¹⁶ LUISI, Paulina. Sociología, Educación. Informes y Conferencias. Biblioteca Nacional. Montevideo. 1919. p. 6.

¹⁷ SCOTT, Joan. A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem. Mulheres. Florianópolis, 2002. p. 27.

teve filhos por vontade própria, como se soubesse das dificuldades de ser uma “mãe consciente” e uma “esposa reflexiva” na sociedade em que vivia. Por outro lado, ela concebia a maternidade de maneira negativa, se considerarmos as afirmações que faz nos anos de 1917 e 1919 na revista *Acción Femenina*: *deberes que son nuestro clavarío y nuestra gloria: los deberes sublimes de la maternidad*.¹⁸ Segundo Paulina, as sociedades têm feito da maternidade “*un calvário, una cadena o una ignominia*”¹⁹ para as mulheres. A partir desta visão dual da maternidade, podemos afirmar que ela procurou convencer os setores mais conservadores dos “tributos da maternidade consciente” através dessas estratégias discursivas.

Bertha também procura um feminismo da igualdade a partir da diferença:

A mulher... possui a mesma capacidade que o homem. É, pois, ilógico querer mantê-la em posição subalterna. A mulher sendo equivalente ao homem possui, contudo, uma orientação diferente, interessando-se no domínio das questões públicas, principalmente pelos problemas sociais... do combate ao alcoolismo, da pacificação do mundo.²⁰

O feminismo de Bertha busca também uma aproximação às autoridades, como por exemplo, com a Igreja Católica; já o feminismo de Paulina é contra a Igreja, expressando em alguns artigos sua aversão às suas formas de “evangelizar” e “manipular” as mulheres. O feminismo de Bertha foi caracterizado por Céli Pinto como “feminismo bem comportado”. Segundo esta definição as “bem comportadas” voltavam-se para os anseios das mulheres das classes média e alta: os direitos políticos. As “mal comportadas” preocupavam-se com os direitos das trabalhadoras das classes baixas que cumpriam extensas jornadas de trabalho e sofriam assédio de seus chefes ou de patrões.²¹

Segundo Paulina o objetivo de seu feminismo é:

... demostrar que la mujer es algo más que materia creada para servir al hombre y obedecerle como el esclavo a su amo, que es algo más que máquina para fabricar hijos y cuidar la casa... que si su misión la perpetuación de la especie, debe cumplirla más que con sus entrañas y sus pechos: con la inteligencia y su corazón preparados para ser madre y educadora...²²

A perpetuação da espécie, que tanto pregam as autoridades de ambos os países, em suas fases eugenistas e positivistas, não deve – segundo Paulina – ser só física, mas também das ideias, dos sentimentos: com a inteligência e o coração.

¹⁸ Revista *Acción Femenina*, Año I. Num. 1, julho de 1917. p. 3.

¹⁹ Revista *Acción Femenina*, Año III, Num 2, abril de 1919. p. 32.

²⁰ *A Vanguarda*, 17 de julho de 1924.

²¹ JARDIM PINTO, Céli Regina. Uma história do feminismo no Brasil. Perseu Abramo. São Paulo, 2003. p. 10 e 15.

²² Revista *Acción Femenina*, Año I. Num. 2, agosto de 1917, p. 48.

Paulina, sendo médica eugenista²³, socialista e feminista, planejara suas estratégias e argumentações vinculando-o a esses interesses. Como eugenista lutara contra o alcoolismo, porque este pode provocar más-formações nas gerações futuras. Paulina define a eugenia como:

ciencia nacida ayer, es una síntesis de las ciencias psíquicas y naturales aplicada al porvenir y a la felicidad de la raza humana... es necesario estudiar la semilla humana para conocer su naturaleza, sus condiciones intrínsecas y extrínsecas, que dependen del medio ambiente...²⁴

Para Paulina a eugenia era “*una utopia, que anhelaba para nuestros descendientes las más hermosas condiciones, así físicas como mentales... Aspirar a que nuestros hijos sean fuertes, hermosos, sanos llenos de vida y de vigor*”²⁵

Bertha não se pronunciou sobre eugenia, mas a eugenia no Brasil investiu na identidade feminina e reforçou seu papel biológico como mãe - afirma Ramos Flores. Se o feminismo, o trabalho na indústria e no comércio, a educação das meninas, vinham enfraquecendo as fronteiras das esferas separadas, provocando a grande angústia masculina, nas décadas de 30 e 40 do século XX, um reforçado discurso sobre as mulheres tentava reduzi-las à função do lar, educadoras e formadoras dos futuros cidadãos, como ainda geradoras dos filhos da Nação.²⁶ Aliás Bertha não tem se pronunciado sobre a eugenia, seu discurso –com suas estratégias- também ajudou a reforçar os papéis socialmente diferenciados entre homens e mulheres.

A intenção da eugenia no Brasil foi extirpar toda e qualquer atitude ou comportamento que representasse igualdade entre os sexos, recolocando as velhas noções de maternidade e paternidade, de feminilidade e masculinidade. As discussões em torno do corpo, gênero e natalidade intensificaram um discurso masculinista que reatualizava visões do Cristianismo na medida em que estabelecia laços entre a dignidade espiritual, o sentido de beleza e limpeza corporal e a conduta moral, especialmente a sexual.²⁷ Lembremos que nesse período, a Igreja combatia a vida moderna, o comunismo, os grupos financeiros, o utilitarismo, o capitalismo, o protestantismo, acusados de causarem a queda da Igreja e o declínio do poder papal. Podemos perceber dois paradoxos nas apropriações²⁸ das idéias da eugenia: de um lado percebemos que fe-

²³ A eugenia, segundo Dr. Kehl da metade do século XX, é “uma ciência e uma arte. Como ciência investiga a geração, como arte, produz a boa geração... Depende apenas da vontade dos homens criar a elite humana, eliminar as fealdades, as imperfeições, os aleijões” apud RAMOS FLORES, Maria Bernardete Tecnologia e estética do racismo. Ciência e arte na política da beleza. Argos. Chapeco. 2007. pág. 39. No Uruguai, a eugenia foi considerada, segundo Graciela Sapriza, uma “ciência inacabada” “sobre la que existían dudas y zonas oscuras, y que admitía argumentos tanto a favor como en contra”. Diferentemente ao Brasil, onde foi assimilada ao discurso católico, no Uruguai a eugenia foi concebida pela maioria como uma arma anticlerical. SAPRIZA, Graciela. La “utopia eugenista”. Raza, sexo y género en las políticas de población en el Uruguay. (1920-45). Tesis de Maestría. Universidad de la Republica. Facultad de Humanidades. Inédita. Montevideo. 2001, p. 76.

²⁴ Apud: SAPRIZA, Graciela. 2001. p. 80.

²⁵ Apud Ibidem, p. 81.

²⁶ RAMOS FLORES, Bernadete. 2007, p. 211.

²⁷ RAMOS FLORES, Bernadete. 2007, p. 226-27.

²⁸ Apropriação no sentido trabalhado por Roger Chartier: “... uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais, ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria...” CHARTIER, Roger Práticas de leitura. Estação Liberdade. São Paulo. 2009. Pág. 20. Para o autor, apropriar-se de um texto ou termo é “dar à leitura uma prática criadora, inventiva, produtora, e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvios no espírito de seus leitores” Ibidem, pag. 78.

ministas como Paulina Luisi eram eugenistas, apesar de o eugenismo reforçar o papel das mulheres como mães e limitar seu campo de ação ao lar, limitando, também, a educação e o trabalho fora do lar, ideais que estavam na contracorrente dos princípios defendidos pela maioria das feministas – inclusive a própria Paulina. De outro lado também é paradoxal o fato de que a eugenia no Uruguai tenha sido apropriada como luta anticlerical, enquanto que no Brasil tenha sido apropriada pelo discurso da própria Igreja Católica.

Como eugenista, Paulina achou na luta contra o alcoolismo um forte argumento para reivindicar o voto:

... es un hecho demostrado por la experiencia que las mujeres son un imprescindible factor en la lucha contra el alcoholismo. Que ellas han contribuido poderosa y eficazmente en las principales obras de defensa social contra el alcoholismo, siendo muchas de ellas debidas a su exclusiva iniciativa, que en los países donde las mujeres gozan del derecho al sufragio, es donde la lucha antialcohólica ha obtenido los mejores resultados.²⁹

Como socialista defende os direitos dos trabalhadores: o fim das intermináveis jornadas de trabalho, licença maternidade, a regulamentação e controle do trabalho infantil. Entretanto, os mesmos fins também são perseguidos a partir de uma ótica eugênica: pois a falta de legislação trabalhista afeta o desenvolvimento da raça, aumenta a mortalidade e más-formações nos fetos.

O maternalismo será um conceito muito trabalhado em todos os discursos, tanto de Bertha como de Paulina; a identificação da figura da “mulher” com a da “mãe” é constante e, segundo a autora Rachel Soihet, é uma das táticas mais claramente desenvolvidas por Bertha para diferenciar seu feminismo do feminismo radical e ganhar a confiança dos setores mais conservadores. Analisando os discursos de Paulina nesta perspectiva, percebemos uma intenção similar. Ambas invertem os argumentos mais fortes utilizados pelos detratores do sufrágio das mulheres, afirmando que para ser uma boa mãe, dedicada a seu lar, a mulher deve ter uma formação intelectual e ser uma cidadã consciente, unindo então o discurso maternalista ao discurso feminista.

Paulina concebe a maternidade de uma forma paradoxal: por um lado a define como o mais sagrado destino, que deve ser fortalecida através da conscientização e formação das mulheres; por outro, a enxerga como um “calvário”, um obstáculo e uma carga – *“deberes que son nuestro clavario y nuestra gloria: los deberes sublimes de la maternidade”*.³⁰ As sociedades têm feito da maternidade *“un calvário, una cadena o una ignominia”*³¹ para as mulheres.

O maternalismo de Paulina é carregado de conteúdos eugênicos: não é uma maternidade no sentido moral, ou religiosa, mas é a única forma que toda sociedade têm

²⁹ Revista Acción Femenina, Año II. Num. 3-4. Mayo-junio 1918, p. 49.

³⁰ Revista Acción Femenina, Año I. Num. 1, julho de 1917. p. 3.

³¹ Revista Acción Femenina, Año III, Num 2, abril de 1919. p. 32.

para continuar se reproduzindo, para perpetuar a raça. Por isto é tão importante que os governos protejam e regulamentem as atividades das mulheres, para que a humanidade se perpetue, continue e melhore a cada geração:

nosotras las partidarias del sufragio integral... nosotras que también proclamamos muy alto la ineludibilidad de los deberes de la mujer como perpetuadora de la raza, somos las primeras en reclamar que la maternidad sea reconocida como la principal misión de la mujer³²

Segundo Paulina, deveria ser reconhecido pela sociedade que a maternidade é uma contribuição à riqueza de toda nação: *“Es necesario, pues, que se vaya infiltrando en las conciencias la noción del valor de la producción femenina en la riqueza común, producción de descendencia, es decir, producción de brazos, de energías, de trabajo”*.³³ Ela vai mais longe ainda, propondo que o Estado deve subsidiar economicamente toda mãe, como uma troca de serviços entre o indivíduo e o Estado. Essa proposta classifica o trabalho doméstico (de criação dos filhos) como uma contribuição econômica para o Estado, e como uma tarefa custosa que deve ser remunerada.

Bertha também considera a questão da remuneração no ano de 1937, mas apenas para a criação dos filhos e para as tarefas domésticas em geral. No Estatuto Econômico da Mulher estipulava-se que os serviços prestados pelas mulheres no lar representavam 10% da renda familiar.³⁴ Sem exigir o subsídio estatal, ela propôs benefícios trabalhistas como a opção de faltar dois dias por mês sem desconto, redução de jornadas de trabalho, e descanso de dez minutos no meio de cada período.

O maternalismo de Bertha teve uma maior aproximação em relação aos discursos dos grupos mais conservadores (políticos e religiosos). Procurando convencer esses setores sociais dos benefícios do sufrágio das mulheres, minimizou as consequências “negativas” – como a redução do tempo para os filhos e marido – e acrescentou as consequências positivas da maternidade: sua formação e experiência como cidadã melhoraria o desempenho de seu papel de mães.

Bertha apresenta uma concepção inovadora do lar, estendendo o conceito para além do mundo privado, gerando novas responsabilidades para as mulheres. Em seu discurso de posse na Câmara de Deputados, ela fala:

O lar é a base da sociedade, e a mulher estará sempre integrada ao lar. Mas o lar não limita-se ao espaço de quatro paredes. O lar é também a escola, a fábrica, o escritório. O lar é principalmente o parlamento, onde as leis que regulam a família e a sociedade humana são elaboradas.³⁵

³² Revista Acción Femenina, Año III, Num. 2, abril de 1919, p. 32.

³³ Revista Acción Femenina, Año III, Num. 25-26, Nov. Dez. de 1919, p. 182.

³⁴ Projeto num. 736-1937. Normas apensas ao art. 32 do estatuto Econômico da Mulher. Horário. Apud SOIHET, Rachel. O feminismo tático de Bertha Lutz. Editora Mulheres. Florianópolis, 2006. p. 80.

³⁵ Discurso de posse, na Câmara dos Deputados, junho 1936. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz.

O que Bertha fez foi redefinir o lar, o lugar que a “natureza concedeu à mulher”, que agora incluía a fábrica, os escritórios e edifícios legislativos. Entretanto, permanece o conceito, a ideia das mulheres vinculadas ao lar, mas ao mudar o conceito de lar, também se está aumentando seu espaço de ação. E ao mudar seu espaço de ação, significa que se está agindo sobre território anteriormente exclusivo dos homens. Necessariamente, isso acarreta mudanças estruturais: os homens terão que se reposicionar e criar novas estratégias de expressão, em novos espaços anteriormente considerados de domínio das mulheres.

Aqui notavelmente se percebe uma das táticas de Bertha: sem questionar frontalmente o papel das mulheres como mães, estende seu espaço de ação, atribuindo maiores responsabilidades e áreas de expressão. Agora o parlamento – antes recinto dominado pelos homens – seria parte das tarefas das mulheres, por tornar-se parte do lar. Susan Besse explica qual é a tática de Bertha: “Essas afirmações rejeitavam implicitamente o papel de esposa e de mãe como fonte adequada de auto-realização, status social e segurança econômica, sem porém atacar diretamente a família ou as mulheres que estavam satisfeitas com sua identidade doméstica”.³⁶ Segundo Besse, este é um recurso para evitar ataques hostis dos setores mais conservadores da sociedade, como da Igreja Católica.

Em outro artigo publicado no jornal *A Noite* em 1934, Bertha continua definindo sua ideia de maternidade: “A mão feminista que colocar um voto na urna... não deve ser a mão calejada pelo uso de uma arma mortífera, mas a mão maternal que embala o berço e que nele renova eternamente a esperança humana de fraternidade e de paz”.³⁷

Aqui aparece outro elemento a ser levado em conta: o imposto de sangue, que tanto foi discutido nos dois Parlamentos (uruguaio e brasileiro) em diversas oportunidades³⁸, apresentados nos projetos dos direitos políticos para as mulheres. Logo depois de ter sido aprovado o voto para as mulheres no Brasil, no momento de escrever a Constituição de 1934, o deputado catarinense Aarão Rabello apresentou uma emenda que propunha que as mulheres, para exercerem seu direito ao voto, deveriam provar que haviam prestado serviço militar. Esta emenda foi assinada também pela deputada de São Paulo, Carlota Pereira Queiroz.³⁹ A emenda gerou forte reação das sufragistas que, por fim, conseguiram vencer essas dificuldades, assegurando a conquista do sufrágio feminino. Com essa frase Bertha estava respondendo à emenda, identificando as mulheres com a paz e argumentando que a maternidade vale mais que o imposto de sangue. Ela conclui:

³⁶ BESSE, K. 1999. p. 197.

³⁷ SOIHET, Rachel. 2006, p. 212.

³⁸ Cfr. Câmara de Deputados. *Annaes do Congresso...* Vol. II. Op. Cit., p. 309. *Diario de Sesiones de la H. Convención Nacional Constituyente...*, tomo II, 1918, p.358 e *Annaes Câmara Deputados*, 1917. p. 337-343.

³⁹ SOIHET, Rachel. 2006. p. 51. E COSTA PACHECO, Maria da Glória. *GÊNERO E POLÍTICA: conquista e repercussão do voto feminino no Maranhão (1900-1934)*. *Outros Tempos*, Vol. 1 esp., 2007. p. 46-63 Disponível em: <www.outrostempos.uema.br> Acesso em 29 de maio de 2011.

O tributo de sangue que a mulher paga a pátria é a maternidade... Cada soldado da Pátria é a dádiva de uma mulher que lhe deu a vida, que durante anos montou guarda á beira de seu berço, que o guiou através da infância para entregá-lo á pátria altivo, honrado e robusto.⁴⁰

Bertha propõe ainda, talvez com um pouco de ironia, a exceção do serviço militar para as mulheres a partir da diferença: “... é preciso que ao menos uma carreira fique reservada ao sexo forte. E esta ... justamente a carreira das armas..”⁴¹

Paulina se diferencia de Bertha nesse assunto; ela não era contra à possibilidade das mulheres praticarem ofícios perigosos: “*La igualdad del hombre y la mujer, llevada a su conclusión, implica que si la mujer necesita protección, también la necesita el hombre. Si una mujer decide aceptar el riesgo de un trabajo como expresión de su libre voluntad, no debe la ley impedirselo.*”⁴²

Com essa afirmação— de forma semelhante a Carlota — Paulina aproximava-se mais ao feminismo da igualdade, negando a necessidade de proteção que o feminismo da época atribuía às mulheres. Ela argumenta que a base da ação das mulheres está na liberdade: se uma mulher deseja ser soldado, o governo deve permitir isso; se ela deseja ser prostituta, também. Ela lutara contra o comércio ilegal da prostituição, mas defendera a profissão tanto de prostituta quanto de soldado, sempre e quando fosse uma escolha livre.

Segundo as teorias sobre as “ondas” do feminismo, o aborto seria um tema de interesse das feministas da segunda onda, principalmente, e não tanto da primeira. Paulina e Bertha, se seguirmos esta classificação, pertencem ao feminismo da “primeira onda”, a sufragista. Mas Paulina destaca-se e marca uma exceção: como médica-eugenista, não se opunha a ele; pelo contrário, criticava sua condenação, sobretudo entre as trabalhadoras:

*Porque si enloquecidas por la vergüenza perpetua que nos espera cuando engendramos um hijo fuera de los contratos civiles y en un arranque de desesperación destruimos el ser que viene al mundo para nuestro eterno oprobio nos condenan a la cárcel.*⁴³

Ela concebe que o aborto é justo para aquelas mulheres que não tem dinheiro para custear a vida de seus filhos. Também faz referência a um congresso médico realizado em Montevidéu em 1919, no qual foi considerado como urgente o estudo do problema do aborto, “*cuyas practicas año a año destruyen tantas vidas y arruinan tantos organismos femininos*”⁴⁴ Paulina deixava claro que seu olhar com relação ao aborto não era de proibição, mas de regulamentação, o que impediria que tantas

⁴⁰ SOIHET, Rachel. 2006, p. 211.

⁴¹ Entrevista de Bertha Lutz à o Jornal Á Noite: A maternidade, o tributo de sangue que a mulher paga a pátria. Cx. 78, pacote 2, ap.46. 1932. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz. p. 2.

⁴² CABRERA DE BETARTE, Silvia. Paulina Luisi una socialista para conocer, querer y emular. Serie de documentos num. 27. Edición de correo socialista. Montevideo, 2001. p. 20.

⁴³ Revista Acción Femenina, Año III, num. 2, p. 34.

⁴⁴ Revista Acción Femenina, Año III, num. 25-26, p. 181.

mulheres morram ou arruinem seus organismos. Em sua obra “Algunas ideas sobre Eugenia” (1918), Paulina explicitou sua posição em relação à anticoncepção e sua aceitação ao aborto eugênico, mesmo sabendo que ia contra o Código Penal vigente, de 1889. Apresentou os exemplos de vidas de mulheres grávidas tuberculosas, sifilíticas ou doentes mentais, com riscos de saúde, que teriam filhos disformes. Apresentou o aborto como a *“única solución natural, justa, lógica, moral... Ante la posibilidad de tales frutos vale más destruir los embriones”*⁴⁵

Bertha não fala de aborto, somente da proteção da mãe na maternidade. Em um manifesto de 1936, ela faz alusão aos principais problemas contemplados em seu programa “econômico-social”: “... assistência á maternidade e proteger a infância contra o abandono físico e moral”⁴⁶, mas nada fala na assistência às mulheres que abortam.

Apesar de suas diferenças, ambas mantinham contato, não só como representantes das sedes da NAWSA no Brasil e Uruguai, mas também como sufragistas latino-americanas, desenvolvendo estratégias de ação conjunta nos congressos. Um exemplo desse planejamento de estratégias conjuntas é uma carta escrita por Paulina para Bertha, onde a primeira explicita a necessidade de ambas coordenarem assuntos em comum para atuarem na conferência de Baltimore, em abril de 1922. Escreve Paulina:

Piensa ir en abril a la Conferencia de Baltimore? Me agradaría mucho saber á usted en Norte América para representar a las mujeres americanas... hemos nombrado una delegada, muy feminista que nos representara allá, si usted va, rogaría me lo haga saber cuanto antes para ponernos de acuerdo respecto a ciertas cuestiones que aparentemente serán tratadas allá.⁴⁷

Com essas palavras, Paulina deixa explícito seu interesse em coordenar conjuntamente as forças de ação, para que a participação das latino-americanas fosse direcionada. Através da leitura de suas cartas, veículo mais importante de cruzamentos de informações, por ser praticamente o modo de comunicação pessoal da época, percebe-se que Bertha e Paulina trabalharam juntas em alguns momentos, que estavam informadas uma sobre a trajetória da outra, dos avanços que o sufrágio conquistava no país vizinho. Entre todas as sedes da NAWSA existia uma comunicação fluida, mas percebemos que além das diretivas centrais, criaram-se estratégias de ação entre as feministas americanas, estratégias próprias que cada uma desenvolveu separadamente em seu próprio país e de forma conjunta nos congressos e conferências.

Finalizando o trabalho, percebemos que existem vários entrecruzamentos nos discursos de Bertha, de Paulina e dos senadores que deixam perceber algumas constantes que continuam arraigadas nas mentalidades dos uruguaios/as brasileiros/as.

⁴⁵ Apud: SAPRIZA, Graciela. 2001. p. 88-89.

⁴⁶ Manifesto da candidata da mulher brasileira por Bertha Lutz (1936). Arquivo Nacional. Fundo FBPF.

⁴⁷ Carta de Paulina Luisi á Bertha Lutz. 14/01/1922. Ministério de Justiça. Arquivo Nacional. Fundo Bertha Lutz.

As concepções de mulheres que os discursos apresentaram constituem seres diferenciados sexual e socialmente dos homens. Tanto os senadores quanto as feministas partem das diferenças desses seres para reivindicar a igualdade de direitos. Essa diferença, no entanto, inclina a balança para o lado das mulheres como a parte mais fraca, mais débil, em contraste com os homens o ponto forte, o ponto de poder, naturalizando, dessa maneira, uma diferença que é, a princípio, social.

Valendo-se de estratégias para reforçar essas concepções de diferenciação, estas personagens procuraram atrair setores mais conservadores – e mais poderosos – da sociedade. A eugenia alimentou essas estratégias que Paulina utilizou explicitamente e que Bertha também utilizou, mas de forma implícita. O maternalismo foi o discurso mais utilizado para desenvolver as estratégias de atração social. O discurso de “boas mães votantes” se prendeu nas mentalidades da época. A maternagem passou a ser tão valorizada que chegou a ser proposto, tanto por Bertha quanto por Paulina, uma subvenção por parte do Estado pelo tributo social realizado.

Ainda hoje, ser mulher é sinônimo de fraqueza, de falta de poder e ser homens é sinônimo de machos fortes. Ainda hoje, a solução é que os fortes abram mão de seu poder para outorgá-lo às mais fracas. Ainda hoje, quem nos representa no poder, acredita que as mulheres são o calcanhar-de-aquiles, as mães que não estão preparadas para a violência do mundo político. E através da palavra falada e escrita, ainda hoje, naturalizam diferenças estruturais entre os homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ANAIS CAMARA DEPUTADOS. 1917. Rio de Janeiro.

ANAIS. *Diario de Sesiones de la H. Convención Nacional Constituyente de la República Oriental del Uruguay. Años 1916-1917*. Tomos II y III. Montevideo. 1918.

ANAIS DO SENADO. Março 1998. Livro vol. 7. Em: www.senado.gov.br/publicações/anais.

BARRAN, José P.; NAHUM, Benjamín, *El Uruguay del novecientos*, Montevideo, 1990.

BESSE, Susan *Modernizando a desigualdade*. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914-1940. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1999, p. 220.

CABRERA DE BETARTE, Silvia. *Paulina Luisi una socialista para conocer, querer y emular*. Serie de documentos num. 27. Edición de correo socialista. Montevideo, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger *Práticas de leitura*. Estação Liberdade. São Paulo. 2009.

COSTA PACHECO, Maria da Glória. GÊNERO E POLÍTICA: conquista e repercussão do voto feminino no Maranhão (1900-1934). *Outros Tempos*, Vol. 1 esp., 2007. p. 46-63 Disponível em: <www.outrostempos.uema.br> Acesso em 29 de maio de 2011.

- HAHNER, Juner E. *Emancipação do sexo feminino*. A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Mulheres. 2003.
- JARDIM PINTO, Céli Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. Perseu Abramo. São Paulo, 2003.
- KOSELLECK, Reinhard. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.
- LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social, en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*. Centro de Investigaciones Diego Barros Aranda. Santiago de Chile, 2005.
- LUIZI, Paulina. *Sociología, Educación*. Informes y Conferencias. Biblioteca Nacional. Montevideo. 1919.
- Carta á Bertha Lutz. 14/01/1922. Ministério de Justiça. Arquivo Nacional. Fundo Bertha Lutz.
- LUTZ, Bertha. *Manifesto da candidata da mulher brasileira (1936)*. Arquivo Nacional. Fundo FBPF.
- Entrevista no Jornal *Á Noite: A maternidade, o tributo de sangue que a mulher paga a pátria*. Cx. 78, pacote 2, ap.46. 1932. Arquivo Nacional. Federação Bertha Lutz
- NAHUM, Benjamín, *História uruguaya*. Tomo 8. Época Batllista, 1905-192, Buenos Aires, 1998.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História* vol. 24. Num. 1. São Paulo. 2005. p. 6-7.
- RAMOS FLORES, Maria Bernardete *Tecnologia e estética do racismo*. Ciência e arte na política da beleza. Argos. Chapeco. 2007.
- REVISTA *Acción Femenina*, Año I, II, III. Montevideo. 1917-1919.
- SAPRIZA, Graciela. *La "utopia eugenista"*. Raza, sexo y género en las políticas de población en el Uruguay. (1920-45). Tesis de Maestria. Universidad de la Republica. Facultad de Humanidades. Inédita. Montevideo. 2001
- SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Mulheres. Florianópolis: Edufsc, 2002.
- SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Editora Mulheres. Florianópolis, 2006.
- WERNER, Michael ; ZIMMERMANN, Bénédicte. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. Editions de l'EHESS. *Annales*. Histoire, Sciences Sociales. 2003. Disponível em <http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=ANNA&ID_NUMPUBLIE=ANNA_581&ID_ARTICLE=ANNA_581_0007>. Acesso em outubro de 2010.